

Uma história da presença de Paulo Freire e dos círculos de cultura no Rio Grande do Sul, Brasil

Mariana Parise Brandalise Dalsotto¹

Resumo

O presente texto é um recorte de uma pesquisa de doutorado cuja intenção é compreender a organização dos círculos de cultura no Rio Grande do Sul. Eles fizeram parte do movimento de educação popular fundamentado e proposto por Paulo Freire, realizado no Brasil no início dos anos 1960. Para abordar o tema, foram mobilizados jornais da época, investigados sob a perspectiva da análise documental histórica. O movimento (que alfabetizava visando conscientização e, por isso, se diferenciava das práticas que eram realizadas nas escolas, quando foi inicialmente pensado) ocorreu no Rio Grande do Sul após experiências positivas no nordeste. Em virtude disso, este texto busca citar alguns aspectos considerados principais do pensamento freireano que fundamentam os círculos de cultura e os definem como um movimento de educação popular, apresentando indícios que confirmam sua realização no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave

Círculos de Cultura. Paulo Freire. Educação Popular. Rio Grande do Sul.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil; bolsista CAPES; membro do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM) e do Observatório de Educação/Estudos Freireanos. E-mail: maripbrandalise@hotmail.com.

A history of the presence of Paulo Freire and the culture circles in the State of Rio Grande do Sul, Brazil

Mariana Parise Brandalise Dalsotto²

Abstract

The present text is a cut of a doctoral research whose intention is to understand the organization of culture circles in the State of Rio Grande do Sul, Brazil. These were part of the popular education movement founded and proposed by Paulo Freire in Brazil at the beginning of the 1960's. In order to approach the theme, newspapers of that time were mobilized, investigated from the perspective of historical documentary analysis. The movement (which alphabetized aiming at awareness and, therefore, was different from the practices that were carried out in schools, when it was initially thought) took place in the State of Rio Grande do Sul after positive experiences in Brazilian northeast. Because of that, this text seeks to mention some of the main aspects of the Freirean thought that ground cultural circles and define them as a popular education movement, presenting pieces of evidence that confirm its realization in Rio Grande do Sul.

Keywords

Culture Circles. Paulo Freire. Popular Education. Rio Grande do Sul.

² PhD student in Education, Caxias do Sul University, State of Rio Grande do Sul, Brazil; CAPES scholarship holder; member of the Research Group History of Education, Immigration and Memory (GRUPHEIM) and of the Observatory of Education/Freirean studies. E-mail: maripbrandalise@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A educação é uma prática sociocultural através da qual é possível que o educando perceba o contexto em que está inserido. É um processo de significação que torna possível entender a realidade e buscar formas para transformá-la. É, também, um processo de conscientização que tem como objetivo a libertação. Essa concepção de educação tem como uma de suas principais referências Paulo Freire, educador brasileiro reconhecido internacionalmente. Paulo Freire entendia como necessário partir dos conhecimentos prévios dos educandos para problematizá-los e mediar a construção de novos conhecimentos. Sua preocupação com a alfabetização, entendida como necessária para a inserção e atuação na realidade, o fez pensar nos círculos de cultura, um movimento que se colocava a favor da educação e dos saberes populares.

Nos círculos de cultura, os educandos eram gradualmente desafiados no que se refere às aprendizagens da leitura e da escrita, bem como no que tange ao pensar crítico, pois, para ler a palavra, liam a realidade e a problematizavam, refletindo sobre as possibilidades de sua transformação. Essa era, então, uma concepção de educação diferenciada, considerada uma ação cultural para a liberdade.

A proposta deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa sobre a realização dos círculos de cultura no Rio Grande do Sul. Tendo ciência de que Paulo Freire também esteve no estado para organizar tal movimento, a intenção é entender como os círculos de cultura aconteceram, em meio à mobilização pela alfabetização que estava sendo organizada. Como complemento, busca-se investigar a presença de Paulo Freire no Rio Grande do Sul, no início da década de 1960.

Tomando uma perspectiva histórica, buscarei abordar a organização dos círculos de cultura, começando por suas referências teórico-metodológicas e refletindo sobre o início de sua realização no estado do Rio Grande do Sul. No período entre 1960 a 1964, houve uma grande mobilização a nível nacional para colocar em prática algumas das reflexões já fundamentadas anteriormente sobre a educação popular e a educação de jovens e adultos. Esse é o período no qual o educador veio ao estado, após experiências como a de Angicos³, Rio Grande do Norte, para ministrar cursos “sobre seu método de alfabetização” segundo Andreola, Ghiggi e Pauly (2011, p. 5). É preciso comentar, porém, que essas mobilizações foram possíveis em virtude

³ Esta experiência será brevemente abordada mais adiante.

de movimentos pela educação popular que vinham ganhando força desde o início do século XX e, em maior intensidade, a partir da década de 1950.

Mesmo sabendo que a mobilização desse período foi resultado de um movimento que havia iniciado anteriormente, entende-se que nele efervesceram as experiências de educação popular no Rio Grande do Sul, bem como no Brasil. Além disso e, por consequência, o referencial teórico abordado também apresenta que várias experiências de educação popular foram colocadas em prática entre os anos de 1960 e 1964. A busca por reportagens sobre essa mobilização no estado também corroborou tal informação, como será possível perceber logo adiante.

A metodologia utilizada foi, fundamentalmente, pesquisa bibliográfica, apresentada junto ao referencial teórico do texto, e análise documental de fontes escritas (reportagens retiradas de um jornal da época, para abordar a presença de Paulo Freire, e/ou dos círculos de cultura no Rio Grande do Sul).

As reportagens analisadas foram mobilizadas a partir da análise documental histórica. Apoiando-me nas reflexões da História Cultural, entendo que a reflexão aqui escrita é uma representação da realização dos círculos de cultura no Rio Grande do Sul. Os indícios aqui apresentados a partir da reflexão teórica e das reportagens não são a história em si, são representações do mundo social assim construídas tal como Chartier (2002) comenta. São, também, o conjunto de significações que aqui foram produzidas.

As fontes foram encontradas no Acervo Digital da Biblioteca Nacional⁴. As reportagens mobilizadas para este texto estão no *Jornal do Dia* e foram escritas entre os anos de 1963 e 1964, conforme o quadro apresentado abaixo. É importante ressaltar, porém, que há outros periódicos do Rio Grande do Sul, assim como outros acervos, que contém informações sobre os círculos de cultura. Apesar disso, optei por fazer um recorte dessas fontes, mobilizando reportagens de um periódico para este artigo com a intenção de que fosse possível acompanhar uma trajetória contínua de várias reportagens que abordam a realização dos círculos de cultura no Rio Grande do Sul.

⁴ <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Quadro I – Reportagens encontradas no *Jornal do Dia*

Data	Título da Reportagem	Edição	Página
13-06-1963	Alfabetização em 40 dias: sociólogo pernambucano vai dar curso em Porto Alegre	4392	12
20-06-1963	Paulo Freire em Porto Alegre no mês de julho próximo para um curso de Alfabetização!	4397	8
27-06-1963	Curso de Alfabetização	4403	7
27-06-1963	Curso de Alfabetização de adultos: Método em 40 horas	4403	8
09-07-1963	Alfabetização em 40 horas	4412	4
12-07-1963	Adiado o curso Paulo Freire	4415	8
14-07-1963	Paulo Freire deverá estar hoje na PUC	4417	12
18-07-1963	Alfabetização do estado: 50 “Círculos de Cultura”	4420	8
31-07-1963	Círculos de Cultura: Esta noite a reunião	4431	8
24-08-1963	Curso Paulo Freire para estudantes	4451	8
05-09-1963	Apoio da Indústria ao Plano de alfabetização	4461	5
06-09-1963	Centro das Indústrias (Apoio ao Programa de Alfabetização)	4462	3
26-11-1963	UMESPA Colaborará com a UGES: Construção da casa do estudante	4526	6
30-11-1963	Encerrado Festivamente curso de alfabetização da UMESPA	4530	8
09-10-1964	Seguiu ontem para Cachoeira o delegado estadual da SUPRA	4561	3
21-01-1964	Sessão "Destaques do Interior" (desenvolvimento do Método em Canoas)	4571	5
29-01-1964	Prefeito pede inclusão da capital no Plano Federal de Alfabetização	4578	3
11-03-1964	Prefeitos de 41 Comunas se Avistarão com Jango este mês	4612	3
19-03-1964	Ministro da Educação chega hoje no Estado	4619	17

21-03-1964	Ministro da Educação receberá estudantes gaúchos hoje na PM	4621	10
22-03-1964	Paulo Freire estabelece coordenação	4622	1
24-03-1964	Comissão mista fiscalizará a alfabetização: Lançamento hoje	4623	3
04-04-1964	Sessão "Destques do Interior": Santo Angelo (Solicitação de convênio para aplicação do Método na cidade)	4662	4

Fonte: A autora (2019).

A concepção freireana de educação

Antes de analisar as informações apresentadas nas reportagens, é necessário entender o tema do artigo. Início apresentando algumas reflexões que permeiam a concepção freireana de educação para, no item subsequente, abordar a organização dos círculos de cultura especificamente. Isso foi possível com a realização da pesquisa bibliográfica.

Para Paulo Freire, o ser humano é um ser histórico e inconcluso; mas, quando consciente de sua inconclusão, é também capaz de (re)construir-se. Essa consciência é o que impulsiona para buscar *ser mais*, vocação ontológica do ser humano a qual é realizada pela educação (FREIRE, 2000; 2005). Porém, somente uma educação libertadora pode abrir portas para uma reflexão crítica, necessária para o processo de conscientização. A partir dela, o ser humano pode buscar uma nova forma de agir, que o transforma ao mesmo tempo em que transforma o mundo e as relações que nele ocorrem. Assim, somos seres “no mundo, com o mundo e com o outro” (FREIRE, 1989, p. 17).

A educação libertadora se faz por meio de uma prática problematizadora que, segundo Freire (2005), ocorre com a humanização dos educadores e dos educandos, nas relações de diálogo entre ambos, no seu confronto com o mundo, na significação da realidade. Mas principalmente entendendo a todos como seres inseridos em um contexto histórico, o qual pode ser apreendido, transformado e reinventado.

Para Freire (1983; 2005), a educação tem uma conexão com a realidade e, por isso tem como característica uma relação indicotomizável entre teoria e prática, entre o dizer e o fazer. Envolve dialogicidade entre as pessoas e delas com o mundo, numa relação de amorosidade.

É um momento de conscientização por meio da reflexão crítica e problematizadora da realidade, que visa a sua significação. É, também, um momento de emancipação e construção da autonomia. Tudo isso faz com que a educação possibilite a busca por *ser mais* e a realização de uma nova práxis que transforme o mundo e as pessoas. Uma transformação para a humanização. Essa nova práxis, humanizadora, consciente e politizada, é a base para sua organização em busca da libertação.

Nesse viés, a educação é reconhecida, também, como a oportunidade para a troca de aprendizagens, um momento de ensinar e aprender no qual todos se educam em conjunto, sendo que o educando é sujeito de seu próprio processo de aprendizagem. Para que isso ocorra, a educação deve partir da leitura de mundo, pois ela representa a dimensão política da educação, uma vez que se refere à prática dos educandos em seu contexto, à sua compreensão da realidade, ao aprendido a partir das relações entre as pessoas e delas com o mundo. A dimensão política da educação, segundo Romão (2008, p. 152), fundamenta sua dimensão gnosiológica, que “é a leitura da palavra, dos conceitos, das categorias, das teorias, das disciplinas, das ciências, enfim, das elaborações humanas anteriormente formuladas”. A partir dessas ideias sobre a educação e, entendendo a alfabetização como abertura de caminhos para o pensar crítico e para a conscientização, Paulo Freire organizou os círculos de cultura.

Círculos de cultura: o pensamento freireano na prática da educação popular

Paulo Freire teve sua trajetória de vida marcada pela preocupação com o saber popular, o saber dos educandos e pela esperança de que eles podem realizar uma transformação política na sociedade. Tendo em mente a realidade educacional brasileira, o educador mobilizou-se para pensar alternativas para a alfabetização (e o letramento) de adultos na perspectiva da educação popular. Segundo Andreola (1993, p. 32), Paulo Freire questionava-se: como ajudar os adultos não alfabetizados “partindo das experiências, dos conhecimentos deles, para fazê-los passar de seu conhecimento espontâneo, pouco organizado, pré-crítico, a um conhecimento mais organizado e crítico?”

Ainda segundo Andreola (1993), a alfabetização seria uma etapa nesse processo. Assim, a proposta de Paulo Freire não dizia respeito somente à leitura e escrita, mas à conscientização. A partir desse pensamento surgiram os círculos de cultura, que receberam esse nome devido à disposição na qual os educandos ficavam na sala de aula: uma roda que permitia a troca de

conhecimentos através do diálogo. O objetivo era colocar educandos e animador⁵ num ambiente de coparticipação, no qual o ensino e a aprendizagem eram mútuos.

A prática, o trabalho e a realidade dos educandos eram os pontos de partida da proposta que tinha como objetivo final a compreensão crítica, a partir da qual poderiam entender-se como autores da própria história e da história da sociedade. A mediação da alfabetização era realizada sem cartilhas prontas, visto que estas, muitas vezes, abordavam temas desconhecidos aos educandos. Além disso, com ideias formatadas, não abriam espaço para que os próprios educandos realmente fossem atuantes em seu processo de construção do conhecimento.

Brandão (1981) comenta que a proposta de Paulo Freire era que em cada círculo de cultura as temáticas abordadas para a alfabetização fossem escolhidas *com* a comunidade, por meio do diálogo. A partir disso, a problematização da realidade daria o norte para a aprendizagem. Educadores e educandos formulavam coletivamente o material com o qual iriam trabalhar e, assim, cada um era chamado a participar ativamente, partilhando as aprendizagens, construindo e significando os conhecimentos.

Para a realização dos círculos de cultura, inicialmente, o animador buscava conhecer a comunidade, inserindo-se nela e dialogando com os educandos para fazer a pesquisa do universo vocabular ou universo temático. Desse universo vocabular eram retiradas as palavras-geradoras que subsidiavam a construção do material de estudos que seria utilizado, de forma que este ficava personalizado em cada realidade na qual os círculos iriam acontecer. Com isso, era realizada a leitura da realidade social (leitura de mundo) que se seguiria da leitura da palavra que a exprimia. A leitura do texto se fazia junto e a partir da leitura do contexto. Paludo (2008, p. 265) explica, com outras palavras, que os momentos centrais dos círculos de cultura são:

a leitura da realidade (investigação), que deve ser codificada em Temas ou Palavras Geradoras; a descodificação (oral e escrita), que requer a problematização para a ampliação da compreensão crítica das “situações limites”; e a síntese cultural, como a possibilidade de organização da nova compreensão da realidade e da proposição da ação em direção a construção dos “inéditos-viáveis”, da transformação.

⁵ Denominação utilizada por Brandão (1981, p. 41) para referir-se ao “agente de educação ‘do programa’ ou um educador já alfabetizado, da própria comunidade” que dava os primeiros passos nos círculos de cultura.

O momento da leitura da palavra, que é a realidade codificada, era também um momento de análise crítica desta realidade (descodificação), realizada dialeticamente pelo animador e pelos educandos em conjunto. A descodificação era, então, o momento de tomada de consciência, de descrição dos elementos da codificação, de apreensão da realidade (situação codificada) e de análise crítica do que a codificação representa, segundo Freire (1983). A síntese cultural referia-se ao processo de conscientização.

As palavras escolhidas (palavras geradoras) eram as que codificavam a vida das pessoas e, quando contextualizadas e problematizadas, mediavam a aprendizagem da leitura da palavra e da leitura de mundo. Era proposta uma reflexão que ligava a palavra e o contexto, descodificando ambos. Gradualmente eram formuladas frases e introduziam-se novas palavras, indo além do universo local descoberto, que era utilizado para iniciar a construção das aprendizagens de leitura e escrita, com o intuito de que os educandos pudessem (re)conhecer e refletir sobre sua realidade, codificando-a e descodificando-a, para modificá-la na medida em que ampliavam seu universo vocabular. Buscava-se a construção de uma consciência crítica sobre a realidade local para que, a partir de sua problematização, essa reflexão se ampliasse, abrindo possibilidades para sua transformação.

O contexto dos círculos de cultura e sua realização no Rio Grande do Sul

Para pensar na realização dos círculos de cultura no Rio Grande do Sul, considera-se como necessário contextualizar esse movimento. Ele foi decorrente das ações e pensamentos que vinham sendo formulados no estado e no país, no que se refere aos movimentos de alfabetização e educação popular, bem como às mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. Assim, neste item, abordo o contexto educacional no qual emergiram os círculos de cultura.

Segundo Paiva (1987), desde os anos 1920, várias vertentes de pensamento sobre a educação surgiram e ocasionaram ações realizadas por alguns governos estaduais, bem como pelo governo federal ao longo da primeira metade do século XX. Porém, de modo geral, essas ações foram de curto prazo e não tinham a abrangência nem o financiamento necessários para consolidar melhorias significativas no sistema educacional. Além disso, as concepções dos

“especialistas⁶” que delineavam as funções da educação eram diversas. Algumas vertentes, por exemplo, apresentavam a educação como auxílio para o desenvolvimento do país, entendendo-a como formação técnica e de mão de obra, principalmente em virtude dos processos de industrialização e urbanização que perpassaram o Brasil. Outras levavam em conta que a educação poderia ser um fator para a transformação social a partir da participação política do povo.

Diferentes iniciativas para a educação popular ganharam e perderam força desde o início do século, mas, no final dos anos 1950 e início dos 1960, “ressurge o interesse pela educação das massas” (PAIVA, 1987, p. 178). A partir da década de 1950 os cristãos, principalmente, começaram a enfatizar essa ideia (refletindo sobre a educação a partir de sua visão de mundo). Para eles, era preciso uma mudança social que fosse acompanhada pela conscientização das pessoas. Paiva (1987) explica que essa vertente tinha Paulo Freire como principal teórico e reintroduziu uma reflexão sobre a questão social.

A educação popular estava emergindo com o intuito de colocar-se em todos os níveis de educação, porém, devido ao índice de analfabetismo que atingia boa parte da população jovem e adulta, pensando na qualificação para o trabalho e na possibilidade de participação política, muitas ações voltaram-se ao campo da educação de jovens e adultos. Mais do que esses aspectos, a educação popular tinha a intenção de conscientizar o povo, de auxiliar no entendimento da realidade política, social, econômica e cultural na qual viviam. Entendendo a realidade, poderiam entender-se como sujeitos que a fazem, bem como engajar-se em ações para a sua transformação.

As medidas realizadas em prol da participação política das massas populares tinham como interesse, por um lado, a angariação de votos⁷ e, por outro, a conscientização popular para participação nos processos de industrialização e urbanização que modificavam as relações no Brasil. Assim, aumentaram as mobilizações pela educação popular, em especial, pela alfabetização de jovens e adultos, com o início de várias campanhas⁸. Paiva (1987) explica que algumas dessas campanhas foram extintas e a mobilização ficou em torno do Plano

⁶ Segundo Paiva (1987), os primeiros pensadores da educação no Brasil não eram educadores, mas sim, profissionais de outras áreas que debatiam sobre a temática e davam a ela novos rumos.

⁷ Naquele período, analfabetos não podiam votar.

⁸ Ferraro (2009), assim como Haddad e Di Pierro (2000) destacam a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), que se iniciou em 1947, a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), em 1952, e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), em 1958. Apesar de extintas, Ferraro (2009), corrobora com a ideia de Paiva (1987), quando ela salienta que as campanhas contribuíram para o aumento do eleitorado e refletiram nas eleições de 1960.

Nacional de Alfabetização. Paiva (1987), assim como Ferraro (2009), comenta que o período de 1950 a 1960 destacou-se em virtude de uma queda mais acentuada na taxa de analfabetismo que, durante todo o século 20 foi lenta, apesar de contínua.

Foi dentro dessa conjuntura que os diversos trabalhos educacionais com adultos passaram a ganhar presença e importância. Buscava-se, por meio deles, apoio político junto aos grupos populares. As diversas propostas ideológicas, principalmente a do nacional-desenvolvimentismo, a do pensamento renovador cristão e a do Partido Comunista, acabaram por ser pano de fundo de uma nova forma de pensar a educação de adultos. Elevada agora à condição de educação política, através da prática educativa de refletir o social, a educação de adultos ia além das preocupações existentes com os aspectos pedagógicos do processo ensino-aprendizagem. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 113).

Esse pensamento e mobilização só foram possíveis, porém, em virtude da concepção de educação que estava sendo pensada, que é o resultado das diversas reflexões que vinham definindo a educação ao longo dos últimos anos. A concepção de educação da época estava pautada no processo político-pedagógico, segundo Ferraro (2009), e tinha como característica a crítica à educação bancária. Nesse período surgiram, no Brasil e no mundo, “diferentes experiências de ‘trabalhos com grupos’, de ‘educação centrada no aluno’, de projetos de pesquisa e de ação social com um forte acento sobre a participação consciente, corresponsável e ativamente voluntária”, segundo Brandão (2008, p. 69). Freire (1992, p. 279) complementa ao dizer que

no começo dos anos 60, houve então uma presença maciça das massas populares no Brasil, nas praças, nas ruas, reivindicando. E é exatamente no bojo dessa experiência, nesse momento histórico, social e político do país, que emerge uma série de iniciativas no campo que se chamou, em primeiro lugar, educação de adultos e, depois, cultura popular.

O Movimento de Cultura Popular (MCP) também surgiu em 1960 e foi seguido de outros movimentos pelo país até 1964 (FERRARO, 2009). Os próprios círculos de cultura nascem de uma experiência dentro do MCP no Recife, em 1961. Especialmente, no governo de João Goulart, presidente de setembro de 1961 a abril de 1964, havia a valorização da cultura popular e um olhar para a alfabetização como a abertura de portas para maior participação política, por isso essas iniciativas ganharam a possibilidade de organização e expansão. Paiva (1987, p. 205) comenta que, nesse período, o sistema Paulo Freire “e sua difusão serão de fundamental importância para formar uma nova imagem do analfabeto, como homem capaz e produtivo, responsável por grande parcela da riqueza da Nação”. Segundo Gadotti (1996, p. 69),

As primeiras experiências do método começaram na cidade de Angicos (RN), em 1963, onde 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias. No ano seguinte, Paulo Freire foi convidado pelo Presidente João Goulart e pelo Ministro da Educação, Paulo de Tarso C. Santos, para repensar a alfabetização de adultos em âmbito nacional. Em 1964, estava prevista a instalação de 20 mil círculos de cultura para 2 milhões de analfabetos.

Esse contexto no qual ocorriam iniciativas para a educação popular no Brasil permitiu o desenvolvimento do movimento para a alfabetização de adultos no Rio Grande do Sul. Houve uma organização e aplicação do programa de alfabetização de Paulo Freire no estado, no qual, em comunhão à Campanha Nacional de Alfabetização, “alguns integrantes da Secretaria Estadual de Educação, de algumas secretarias municipais e de entidades da sociedade civil, criaram centenas de Círculos de Cultura” (ANDREOLA; GHIGGI; PAULY, 2011, p. 3). Ainda, “as leituras e práticas educativas inspiradas em Freire no Rio Grande do Sul iniciaram-se no final dos anos 50 e continuaram até a primeira metade da década de 60, com a presença marcante de Paulo Freire dialogando com diversos interlocutores no estado” (ANDREOLA; GHIGGI; PAULY, 2011, p. 3).

Em consonância a esse movimento, foi criado o Instituto de Cultura Popular do Rio Grande do Sul, presidido por Ernani Maria Fiori⁹, cuja existência se deu entre dezembro de 1963 e abril de 1964. A criação do ICP/RS é mencionada por Costa (1991), em artigo no qual apresenta diversas reportagens a respeito do movimento para a alfabetização, destacando que, após 8 meses de aplicação, já haviam resultados positivos nos círculos de cultura realizados e uma mobilização de diversos setores do estado em apoio ao movimento. Todas as ações eram desenvolvidas em prol da cultura popular e, segundo Andreola (1988, p. 41), o método de alfabetização de Paulo Freire foi “um dos elementos básicos do ICP/RS [...] porque, naquele momento, tal método tinha sido assumido por todos ou quase todos os movimentos de cultura e educação populares”.

Segundo periódicos encontrados no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, foram realizados círculos de cultura no Rio Grande do Sul, havendo formações e mobilização de diversas

⁹ A partir da pesquisa inicial realizada, parece-me que a presença de Paulo Freire no Rio Grande do Sul, bem como a organização dos círculos de cultura no estado, estiveram vinculadas a Ernani Maria Fiori e as ações deste frente ao Instituto de Cultura Popular. Freire comenta em entrevista a Tomaz Tadeu da Silva, em 1986, que, após o primeiro encontro com Ernani, realizado nos anos 1950, teve a convicção de que este era um homem que “se entregava facilmente à prática da coerência” (SILVA, 1986, p. 12) e de que iniciava-se ali uma nova amizade. Na mesma entrevista, Freire comenta que esteve outras vezes com Fiori e que este teria encaminhado um documento ao Ministério da Educação informando oficialmente a existência do Instituto de Cultura Popular, com o qual seria firmado, posteriormente, um convênio para realizar a campanha nacional de alfabetização.

instituições do estado para que essa iniciativa acontecesse em maior escala. Paulo Freire marcou presença para auxiliar na organização e formação de pessoas para atuar no programa de alfabetização de adultos inspirado por ele. Algumas reportagens encontradas confirmam essa mobilização do estado para acolher o método de alfabetização, bem como sua programação para receber Paulo Freire.

Um periódico encontrado foi o *Jornal do Dia*, cuja relação de reportagens sobre a presença de Paulo Freire e os círculos de cultura no estado foi colocada na tabela apresentada no início do texto. O periódico apresenta reportagens como: “Alfabetização em 40 dias: sociólogo pernambucano vai dar curso em Porto Alegre” de 13 de junho de 1963, localizada na seção “O dia no ensino”. Ela informava que Paulo Freire estaria em Porto Alegre no mês seguinte para palestrar e realizar um curso para professores, estudantes e “demais interessados na solução de tão importante problema de nossa comunidade”. A mesma reportagem explica que o método já havia sido aplicado em Angicos-RN, com grande aproveitamento e, ainda, indica que já estava sendo aplicado no estado.

Já existe uma experiência piloto de aplicação do método, com o auxílio de alguns jovens estudantes, na vila Maria da Conceição. E com o trabalho agora pesquisado pelo GCP, com a supervisão e orientação do mestre Paulo Freire, teremos uma aplicação maciça e esperançosa na vila chamada da “Volta dos Anseios”. (JORNAL DO DIA, 13/06/1963, p. 12).

Tal reportagem se faz importante porque confirma que nesse período já existiam grupos que trabalhavam com o programa de alfabetização proposto por Freire. Esse dado se destacou em meio aos relatos trazidos por outras reportagens que mostravam apenas a mobilização para iniciar a realização dos círculos de cultura. Várias reportagens apontam o acontecimento de formações de pessoas que iriam trabalhar com o programa.

Outras quatro reportagens aparecem no mesmo jornal, com o intuito de fomentar inscrições para o curso que Paulo Freire iria ministrar no mês seguinte. Essas reportagens se assemelham entre si e retomam o convite que a Secretaria de Educação e Cultura (SEC) fez ao educador para que ministrasse um curso sobre seu “método de alfabetização”. Duas delas se restringem a, brevemente, recordar que as inscrições estavam abertas e a informar a data de início do curso. Outras duas, além disso, tecem breves comentários sobre o método, caracterizando-o como revolucionário e explicando que, nele, a alfabetização se faz por meio da politização, baseando-se no vocabulário dos educandos. Explicam, ainda que já houveram experiências em outros lugares, frisando a importância dessa mobilização.

A vinda de Paulo Freire possibilitará a Porto Alegre e ao Rio Grande o emprego de seu método, assim como atualmente se faz em Recife, Natal, João Pessoa e Florianópolis. O método de alfabetização preconizado por Paulo Freire é totalmente novo porque conscientiza para alfabetizar e utiliza não mais as tradicionais cartilhas, mas modernas técnicas audiovisuais baseadas em situações reais e o vocabulário existencial de grupo. (JORNAL DO DIA, 27/06/1963, p. 18).

Porém, uma reportagem do dia 12 de julho de 1963 relata que a visita de Paulo Freire foi adiada em virtude de um compromisso que ele teria em Brasília, com o Ministério da Educação. O curso seria ministrado por uma equipe do estado para as pessoas que já haviam se deslocado do interior à capital (JORNAL DO DIA, 12/07/1963, p. 8). Dois dias depois, o educador dirigiu-se a Porto Alegre para cumprir o compromisso agendado, segundo consta nas reportagens: “Paulo Freire deverá estar hoje na PUC” (JORNAL DO DIA, 14/07/1963, p. 12) e “Alfabetização do estado: 50 ‘Círculos de Cultura’” (JORNAL DO DIA, 18/07/1963, p. 8). A primeira retoma que, na ausência de Freire, integrantes da SEC ministraram o curso para 130 pessoas do interior do estado e convida para uma nova edição a ser ministrada naquela noite pelo próprio Paulo Freire na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Na segunda reportagem, há o relato do encerramento do curso, que teria durado três dias e contado com cerca de 500 inscritos e 900 ouvintes. Além de ministrar o curso, Paulo Freire também avaliou e orientou “o trabalho piloto que a SEC já vem realizando nesta Capital desde maio, assentando com a equipe da SEC diversos pontos para o futuro desenvolvimento do programa” (JORNAL DO DIA, 18/07/1963, p. 8). Além disso, o jornal informa que já “nos próximos dias serão instalados cerca de 50 ‘Círculos de Cultura’ na Capital e no Interior”, tendo uma outra reunião marcada para que mais orientações pudessem ser dadas aos voluntários.

Algumas reportagens posteriores relatam outras mobilizações, já sem a presença de Paulo Freire, para a organização e apoio aos círculos de cultura. São reportagens que relatam reuniões para sua preparação, havendo discussões sobre a investigação do universo temático que já havia sido realizada e a abordagem que seria feita a seguir. Outras reportagens apresentam o apoio de alguns setores para a realização do programa de alfabetização no Rio Grande do Sul, como o Centro das Indústrias e a União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre (UMESPA).

A reportagem encontrada na sequência traz o título “Encerrado festivamente curso de alfabetização da UMESPA” (JORNAL DO DIA, 30/11/1963, p. 8) e discorre sobre a festa de conclusão do curso que alfabetizou 73 alunos por meio de círculos de cultura, comentando que dariam continuidade aos trabalhos. Outra nota aborda a realização do primeiro Seminário Gaúcho de Alfabetização de Adultos (JORNAL DO DIA, 09/01/1964, p. 3), no qual o delegado estadual da SUPRA falaria sobre a aplicação do método no estado.

Duas reportagens comentam ações do ministro da educação Júlio Sambaqui no estado, junto a Paulo Freire. Uma delas é sobre a campanha na região sudoeste do Rio Grande do Sul que seria lançada naquele dia (JORNAL DO DIA, 19/03/1964, p. 17), e a outra comenta de um encontro do educador e do ministro com estudantes que tinham a intenção de popularizar o programa do Governo Federal (JORNAL DO DIA, 21/03/1964, p. 10).

Enquanto uma reportagem comenta o sucesso do desenvolvimento do método em Canoas (JORNAL DO DIA, 21/01/1964, p. 5), outras comentam pedidos de auxílio financeiro para o Governo Federal. São solicitações do prefeito de Santo Ângelo que esteve pessoalmente em Brasília, no Ministério da Educação (JORNAL DO DIA, 04/04/1964, p. 4) e do prefeito de Porto Alegre, que encaminhou ofício ao presidente João Goulart, solicitando a inclusão da cidade na Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos, devido à grande mobilização que já ocorria nela (JORNAL DO DIA, 29/01/1964, p. 3). Houve, ainda, a solicitação de um convênio do Ministério da Educação com a fronteira sudoeste do estado (JORNAL DO DIA, 11/03/1964, p. 3).

As duas últimas reportagens encontradas neste periódico referem-se à seleção de uma coordenação ministerial selecionada por Paulo Freire para acompanhar os círculos de cultura no estado (JORNAL DO DIA, 22/03/1964, p. 1); e à composição de uma comissão para fiscalizar a realização dos círculos, em função das verbas advindas do Governo Federal. Ela seria composta por representantes da prefeitura de Porto Alegre, do governo estadual, do ministério da educação, da SUPRA e do Instituto de Cultura Popular (JORNAL DO DIA, 24/03/1964, p. 3). Ambas as reportagens relatam que, em meio a essas demandas, Paulo Freire proferiu palestras em Alegrete e Porto Alegre, dando informações sobre o método e debatendo sobre a educação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reportagens apresentadas são um recorte dos dados que indicam a realização de círculos de cultura no Rio Grande do Sul, bem como a mobilização do estado para organizar este movimento em maior escala. Além disso, indicam alguns momentos nos quais Paulo Freire esteve pessoalmente no estado, de forma a contribuir para estudos sobre sua presença no mesmo. Os círculos de cultura mobilizaram diversos setores que estiveram presentes em sua organização e auxiliando em sua realização.

Todas as reportagens podem ser interpretadas como amostra do interesse por parte dos gaúchos que se realizasse no estado o método que já havia promovido a alfabetização em Angicos-RN, assim como em outras cidades, com rapidez e eficiência. Uma vez no Rio Grande do Sul, o método foi concretizado a partir dos contextos regionais.

A análise realizada a partir dos recortes do *Jornal do Dia* vão ao encontro do que se colocou no início do texto para explicar o conceito de educação em Paulo Freire e sua preocupação com a educação popular, em especial com a alfabetização. O pensamento freireano, por sua vez, encaixa-se ao contexto educacional brevemente apresentado, o qual fez surgir a necessidade deste novo olhar sobre a educação. Essas relações entre teoria, contexto e prática apresentadas nos subtítulos deste artigo permitem atingir o objetivo proposto inicialmente, apresentando resultados de uma pesquisa cuja intenção era analisar o contexto histórico e a constituição dos círculos de cultura mediados pela presença de Paulo Freire no Rio Grande do Sul, entre 1963 e 1964.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, B. A. Cultura e educação popular nos anos sessenta no Rio Grande do Sul. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 39-48, jul./dez. 1988. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/viewIssue/3054/320>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ANDREOLA, B. A. O processo do conhecimento em Paulo Freire. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 32-42, jan./jun. 1993. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/viewIssue/3054/320>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ANDREOLA, B. A.; GHIGGI, G.; PAULY, E. L. Paulo Freire no Rio Grande do Sul: diálogos, aprendizagens e reinvenções... **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 7, n. 3, 2011. (Edição especial de aniversário de Paulo Freire). Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/7600/5550>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, C. R. Círculo de cultura. *In*: STRECK, D.; RENDIN, E.; ZITOTSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 85-86.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

FERRARO, A. R. **História inacabada do analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 23.ed. São Paulo: Autores Associados, 1989.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. Posfácio: depoimento de um grande amigo. *In*: FIORI, E. M. **Textos escolhidos**. Porto Alegre: L&PM, 1992. p. 273-287.

GADOTTI, M. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. *In*: GADOTTI, M. (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 69-116.

JORNAL DO DIA. Porto Alegre. 1947-1966. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 4 abr. 2018.

PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adultos**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

PALUDO, C. Metodologia do trabalho popular. *In*: STRECK, D.; RENDIN, E.; ZITOTSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 330-331.

ROMÃO, J. E. Educação. *In*: STRECK, D.; RENDIN, E.; ZITOTSKI, J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 168-170.

SILVA, T. T. Ernani Fiori: um intelectual apaixonado. Entrevista com Paulo Freire. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 11-18, jan./jun. 1986. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1375/1/FPF_OPF_07_063.pdf. Acesso em: 5 abr. 2018.

Submetido em 8 de fevereiro de 2019.

Aprovado em 6 de maio de 2019.